

ALÉM DA GEOGRAFIA: META-FRONTEIRAS, GUERRA FRIA E PERSPECTIVAS¹

Tizziane Pizza²

Resumo: A fronteira coreana mantém uma das maiores divisões ideológicas e geográficas da era pós-Guerra Fria. Em suas pesquisas, Valérie Gelézeau sublinha como o papel da fronteira coreana vai além do paralelo 38³, existindo no cotidiano de diversas gerações de coreanos. A meta-fronteira coreana é multidimensional, atravessando dimensões como o espaço físico e o tempo. Por suas relações com a arte, os *media*, a arquitetura, a diáspora coreana, a língua e a modelização de projetos *peacebuilding*⁴ (com o Cinto da Paz [*Peace Belt*], por exemplo), ela [a meta-fronteira] inspira diversos campos de pesquisa. Este artigo inicia com a apresentação de um estudo de Gelézeau, passando à concepção de meta-fronteira de [Michel] Foucher, ao seu desenvolvimento na época da mundialização, em seguida ao seu papel na criação de uma meta-cultura coreana e, enfim, à sua evolução na era digital.

Palavras chave: Geografia, Meta fronteira, Guerra fria.

Résumé : La frontière coréenne reste une des plus grandes divisions idéologiques et géographiques de l'ère post-Guerre Froide. Dans ses recherches, Valérie Gelézeau souligne comment le rôle de la frontière coréenne va au-delà du 38ème parallèle, existant dans le quotidien de plusieurs générations de coréens. La méta-frontière coréenne est multidimensionnelle, et, traversant des dimensions comme l'espace physique et le temps. De par ses relations avec l'art, les media, l'architecture, la diaspora coréenne, la langue, et la modélisation de projets de *peacebuilding* (avec la *Peace Belt* par exemple), elle inspire plusieurs domaines de recherche. Cette article s'ouvre avec la présentation d'une étude de Gelézeau, passant après la conception de méta-frontière Foucher, à son développement dans l'époque de la mondialisation puis à son rôle dans la création d'une méta-culture coréenne et enfin à son évolution dans l'ère digitale.

Mots clés: Géographie, Meta-frontieres, Guerre froide.

¹ Tradução Do Prof. Lucas Barreto Dias – IFCE / UFMG. E-mail: nog_lbd@hotmail.com

² Paris Dauphine University - França

³Paralelo 38 N: linha imaginária que está a 38 graus ao norte da Linha do Equador e que separa a Coreia do Norte da Coreia do Sul. (Nota do Tradutor)

⁴ Construção da paz. (N.T.)

Panorama sobre o artigo de Valérie Gelézeau

Valérie Gelézeau, mestre de conferências na EHESS⁵, publicou em 2011 o capítulo “A região fronteiriça intercoreana: ‘meta-fronteira’ da Guerra Fria e a metamórfica fronteira da península”⁶, para o livro *The Ashgate Research Companion to Border Studies*, Oxon (UK). Segundo Michel Foucher (2007; 2015), as meta-fronteiras eram fraturas ideológicas, como, por exemplo, a ruptura e as rivalidades entre o Leste e o Oeste durante a Guerra Fria. Hoje, segundo Foucher, pode-se ler as meta-fronteiras com uma escala maior: através, por exemplo, da heterogeneidade dos sistemas jurídicos (Xaria⁷, Direito consuetudinário [*common law*] e Direito civil), dos regimes políticos ou das culturas religiosas.

Utilizando como referência as pesquisas de Foucher, Gelézeau define a meta-fronteira coreana como uma grande problemática pós-guerra fria no novo milênio. O autor constata que a oposição de um sistema capitalista ao sul e socialista ao norte persiste ainda hoje. Gelézeau também dá ênfase à posição superficial da fronteira no paralelo 38, posição feita em 10 minutos durante a noite do dia 10 a 11 de agosto de 1945 por dois coronéis americanos. Zonas sul-coreanas mudaram para o norte, como a antiga capital do Reino de Goryo, Kaesong e vice-versa. Este momento, definido como “injusto” pela autora, inicia a divisão de um Estado unido durante mil e quinhentos anos e assinala um profundo drama com três milhões de mortos de guerra e a separação de 10 milhões de família entre o norte e o sul.

A fronteira entre as duas Coreias é também definida pela autora como uma “não-fronteira”, notadamente porque os limites marítimos não são precisamente definidos. Da falta de um acordo para definir as águas territoriais resultaram situações de incertezas e zonas cinzentas. Igualmente, pela falta de coordenação, o último período estudado no artigo é marcado por conflitos marítimos entre as duas Coreias: em junho de 1999 e setembro de 2002 (ROEHRIG, 2009) e em novembro de 2009 (KIM, 2011). Graças às suas entrevistas com pescadores⁸ de Paengnyôn, Gelézeau descobre a presença ilegal de navios de pesca chineses nas águas coreanas, sublinhando a vulnerabilidade marítima das duas Coreias em virtude da falta de um tratado de paz entre as partes. No período de 1972-1973, a autora constata a tentativa de uma reunificação pacífica baseada sobre os valores da “independente, pacífica e

⁵ *École des Hautes Études em Sciences Sociales*: Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, instituição francesa de ensino superior e pesquisa. (N.T.)

⁶ “The inter- Korean border region – ‘meta-border’ of the Cold War and metamorphic frontier of the península”, no original. (N.T.)

⁷ Código de leis do islamismo; direito islâmico. (N.T.)

⁸ No original, provavelmente devido um erro de digitação, a palavra estava grafada de maneira equivocada, em vez de *pêcheur* (pescador), grafou-se *pêcheur* (pecador). O tradutor decidiu por traduzir por *pescador* dado o teor do texto. (N.T.)

grande unidade nacional” (KONG DAN OH et al., 2004). No entanto, o fortalecimento das ditaduras, por um lado, e da fronteira, por outro, findou no fracasso desta tentativa e do fortalecimento da desconfiança mútua. Desde este momento, a (meta) fronteira passou por contínuas mudanças: nos anos 1970 a fronteira estava sobretudo ligada às estratégias militares, nos anos 1980, às ideológicas devido à guerra fria e nos anos '90 houve de novo a esperança de uma reunificação graças às políticas cooperativas da *Sunshine Policy*. Uma recente tentativa de cooperação nasce também graças ao “Cinto da Paz” [*Peace Belt*], que tem o objetivo de transformar a zona desmilitarizada na fronteira em um terreno fértil para a cultura, o desenvolvimento econômico e a criação de interesses comuns. De todo modo, Gelézeau sublinha os problemas desta visão devido os diversos enclaves⁹ (militarizados) em torno da fronteira, as grandes bases militares americanas e de uma forte pressão sobre a população civil. A autora destaca o potencial de desenvolvimento na fronteira graças ao desenvolvimento do turismo e do tecido industrial entre as vilas de Kaesong (Coreia do Norte) e P’aju (Coreia do Sul). Ela conclui o artigo com uma reflexão sobre a transformação contínua da fronteira coreana: por exemplo, como um crescimento importante da região ocidental. O dinamismo econômico e o desenvolvimento comum, caracteriza uma esperança para o futuro dos dois países ainda separados em uma era pós-Guerra Fria.

Meta-fronteira: um conceito antigo em contínua transformação

A meta-fronteira coreana, se ela permanece como o mais importante resultado da Guerra Fria, não é a primeira no mundo. Foucher (2007) identificou historicamente diversas meta-fronteiras, conceito que não é ligado exclusivamente ao século XIX. Através do Tratado de Tordesilhas (1494), o Papa Alexandre VI, Bórgia, dividia o novo mundo em duas partes: a parte ocidental estava sob o controle espanhol, a parte oriental, sob o controle português. Ainda hoje, após em torno de 500 anos, pode-se ver concretamente uma das possíveis consequências da meta-fronteira: as línguas portuguesa e espanhola são as dominantes na América do Sul e entre as mais faladas no mundo.

A língua também tem um papel importante na meta-fronteira coreana. A língua coreana é praticamente idêntica nas duas Coreias. No entanto, ao Norte, utiliza-se o alfabeto chosŏn'gŭl, símbolo da revolução socialista, enquanto que ao Sul é utilizado o alfabeto hangŭl. Nota-se, assim, uma fronteira linguística (YOUNG-KEYKIM-RENAUD, 1997).

⁹ Termo na geografia política que designa um território que tem suas fronteiras geográficas rodeadas pelos limites de outro território. (N.T.)

A mundialização engendra uma evolução contínua das meta-fronteiras, tendo consequências e efeitos dificilmente previsíveis. Pode-se dizer que o conceito de meta-fronteira revoluciona a maneira de perceber a fronteira tradicional, criando laços que transcendem a concepção física do espaço. A cortina de ferro é também um exemplo de meta-fronteira no sentido em que ela divide não somente a Europa, mas o mundo inteiro, tanto espacial quanto ideologicamente. A cortina de bambu (Alexander 1995), um eufemismo para descrever a cortina de ferro asiática, dividia a Coreia em duas partes, apresentando sobre o plano ideológico a Coreia do Sul muito mais próxima dos outros aliados ocidentais na Europa ou América do Norte do que seus vizinhos geográficos.

Meta-fronteira: a arte e os *media*

Amilhat-Szary (2015) fala das fronteiras como dispositivos multidimensionais. De fato, a fronteira coreana inspirou uma crescente produção artística e midiática. A história da divisão e das ideologias coreanas são visíveis em diversos monumentos. A Torre Juche, construída nos anos 1980 pelo antigo primeiro ministro Kim Il-sung, representa os ideais norte-coreanos de nacionalismo, de autonomia e de autossuficiência. Mas também o palácio do memorial Kumsusan, o grande monumento de Mansuadæ e as estátuas dos grandes líderes à cavalo são mensagens claras do poder central que se cristaliza por meio da arquitetura e da arte. Monumentos sobre a reunificação se opõem à arte como propaganda e são erguidos pela fronteira, por exemplo: o *Stones of Peace Wall* no *Imjingak Park* e o *Peace Park* na Zona Desmilitarizada. A arte ultrapassa a fronteira tradicional para contar a mesma história em diversos parques e museus em todo o mundo, como por exemplo o *Yi Jun Peace Museum* nos Países Baixos ou o *Kapyong Korean War Memorial*. Graças a estas obras, a história coreana – as emoções e o drama da separação – não é contada apenas nas duas capitais das duas Coreias e no “Cinto da Paz” [*Peace Belt*] na fronteira, mas também no resto do mundo, através de uma dinâmica transfronteiriça e de meta-fronteira. Emoções e histórias que tocam todos os setores da arte e dos *media*, como por exemplo o cinema através do filme *The girls in my hometown* (GELÉZEAU, 2011) ou *Our Fragrance* (JOINAU, 2014).

Por meio da relação dos dois países com os *media*, é sempre possível analisar a diferença crescente que há entre eles. A Coreia do Sul reformou em larga escala seu sistema de imprensa, reduzindo a influência política nas notícias e retirando quase totalmente a censura. Notavelmente graças ao *soft-power* sul-coreano nas tecnologias e na engenharia de comunicação, a população que utiliza internet conhece um crescimento contínuo

(BANERJEE, 2007). Porém, o artigo 7 da *National Security Law* [Lei de segurança nacional] prescreve a prisão até 7 anos (BELL, 2014) para quem exprimir simpatia pela Coreia do Norte. O célebre blogueiro sul-coreano Park Jung-geun foi preso por 10 meses por ter *retuitado* [retuiteé] as mensagens da conta oficial do *Twitter* do governo norte-coreano. Há, então, ainda hoje um tipo de meta-barreira 2.0 que limita tanto a liberdade de imprensa dos jornalistas no que concerne as informações ligadas à outra Coreia, quanto aquela da população civil. A Coreia do Norte, por sua vez, aplica uma das censuras mais severas do mundo frente à *media*. Se a liberdade de imprensa e de expressão são reconhecidas de direito, efetivamente há ainda uma grande repressão e os Repórteres Sem Fronteiras sempre classificam a Coreia do Norte entre os países menos livres do mundo (179º em 180 países analisados). De uma maneira análoga a outros países do antigo bloco soviético, como a China e a Rússia, a Coreia do Norte bloqueia e censura diversas redes sociais ocidentais como o *Facebook* e o *Youtube* (CROSS, 2013. DAHL, 2014). O videoclipe *Gangnam Style* do cantor sul-coreano PSY (KIM, 2013) foi o vídeo mais assistido no *Youtube* em 2012 (em torno de 1,5 bilhão de visualizações). Isto deu a sensação, notavelmente através da organização de *flash mobs* e de paródias, de que a Coreia do Sul era mais ligada ao mundo midiático ocidental (PECCIA, 2014) do que àqueles países do antigo bloco do Leste, como sua vizinha do Norte. Estas dinâmicas fazem parte da multidimensionalidade das fronteiras, do dinamismo e da transformação contínua das meta-fronteiras, legíveis, hoje, também por meio de parâmetros 2.0. Estes parecem delinear duas aproximações com a *media*: a de certos países ocidentais – entre os quais os países do G7, os Estados Unidos e a Coreia do Sul – e de certos países orientais, como a Rússia, Coreia do Norte e China. Esta divisão em duas macro categorias lembra os blocos da Guerra Fria.

A diáspora coreana e a criação da meta-nação coreana

Gelézeau enquadra o papel das famílias divididas como particularmente significativo na estrutura das meta-fronteiras coreanas. As várias gerações de famílias separadas representam tanto os critérios de extensão temporal e espacial das meta-fronteiras, quanto uma ligação entre a meta-fronteira e a meta-cultura nacional. A “nova geometria da nação” traz a discussão sobre a “meta-nação coreana” (GELÉZEAU, 2015). A diáspora coreana representa em torno de sete milhões de pessoas originárias da península coreana (S. Hun Kim et al, 2011). Entre os três principais países onde os coreanos se estabeleceram encontra-se a China, os Estados Unidos e o Japão. Em seguida, vêm o Cazaquistão, a Rússia ou a Austrália

(SONG, 2014). É preciso levar em conta que há também divisões intracoreanas, um fenômeno que aumentou com a chegada de mais ou menos 25.000 refugiados norte-coreanos ao sul (BUHM-SUK et al, 2015). A história do drama da separação foi recentemente sublinhada por Choe Sang-Hun (2015), que contou a história de Kim Ryen-hi. Kim é uma cidadã norte-coreana passando pela Coreia do Sul para chegar à Tailândia. O atravessador que a levava confisca seu passaporte, fazendo dela uma cidadã sul-coreana *de facto*. Por medo de ser “repatriada” e de ser tratada como uma traidora, ela assina um documento em que ela repudia o regime comunista. Após isso, a lei sul-coreana não a autoriza a retornar para a Coreia do Norte. Ela tentou de tudo para regressar à sua família, contatando o ministério da Unificação em Seoul, a embaixada norte-coreana na China e mesmo fabricantes de passaportes falsos, sem encontrar solução. Sua família continua a viver em Pyongyang e ela permanece no Sul, em Yeongcheon. De uma maneira análoga a dezenas de milhares de famílias divididas, a meta-fronteira está presente em seu cotidiano, em sua esfera emocional e íntima. No entanto, a diáspora existe sob várias formas; por exemplo, com a relação “menoridade/diáspora” (Eunsil YIM, 2013). No Cazaquistão, comunidades de emigrados coreanos das primeiras ondas migratórias (começadas em 1860) se encontram com os coreanos da diáspora, que contribuíram para exportar a cultura da Coreia unificada, como o drama da divisão (GÉLEZEAU et al, 2013). É por estes motivos que há no caso coreano uma extensão temporal e espacial das meta-fronteiras espaciais e um meta-cultura nacional.

Considerações Finais

A fronteira coreana é fonte de inspiração para diversos grupos de pesquisa, tanto no domínio geográfico, como no sociológico, no econômico ou no histórico em sentido mais amplo. Também no campo dos estudos sobre paz [*peace studies*], o projeto do cinto da paz [*peace belt*] tem o potencial de se tornar um modelo para a construção da paz [*peacebuilding*]. Segundo Galtung (2000), para estabelecer a paz é preciso transformar o conflito. A ideia de estabelecer um cinto da paz na fronteira dá aos dois países a possibilidade de encontrar lá um ganho recíproco. Gelézeau (2011) descreve meticulosamente as externalidades positivas que podem ser criadas pela *Border Zone Support Law* [Lei de apoio à zona fronteiriça] de 2000. A construção do *eco-peace park*, ou a construção de *campus* para universidades sul-coreanas – Ewh Womans University e a Sogang University – pode transformar a realidade da fronteira. Porém, implicitamente, Gelézeau sublinha como a vontade concreta de reunificação parece vir sobretudo do Norte; e uma vontade unilateral *de facto* não é suficiente para superar o conflito.

A meta-fronteira norte-coreana se nutre cotidianamente das diferenças ideológicas, econômicas, linguísticas, tecnológicas, jurídicas e sociais das duas Coreias. Por outro lado, a pressão internacional – proveniente do Ocidente que sustenta o Sul e do antigo bloco soviético que parece apoiar o Norte – alimenta a fratura entre os dois países. Pode-se, assim, afirmar que a meta-fronteira assume certas características da polarização da Guerra Fria, reforçando a sensação de que as barreiras entre os povos do mundo não são apenas geográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anne-Laura Amilhat-Szary (2015), *Q'est-ce qu'une frontière aujourd'hui*, Paris, PUF. Baek Buhm-Suk, Ruti Teitel (2015), "External Actors and Transitional Justice in a Reunified Korea", in *Transitional Justice in Unified Korea*, New York, Palgrave Macmillan.

Eunsil Yim (2012), soutenance de thèse. «"Coréens au Kazakhstan. Construction sociale de l'identité « minorité-diaspora »"», 7 décembre 2012.

Indrajit Banerjee (2007), *The internet and governance in Asia: a critical reader*, Singapore, Asian Media Information and Communication Centre.

John Galtung (2000), *Conflict Transformation by Peaceful Means (the Transcend Method)*, New York: United Nations.

KarenBell (2014), *Achieving Environmental Justice: A Cross-national Analysis*, Policy Press Publications.

Kong Dan Oh, Ralph C. Hassig (2004), *New Korea Through the Looking Glass*, Kongdan Oh Paperback.

Michael Cros (2013), *Social Media Security: Leveraging Social Networking While Mitigating Risk*, Syngress,

Michel Foucher (2007), *L'obsession des frontières*, Ed. Perrin. IZA World of Labor,

Stephan Dahl (2014), *Social Media Marketing: Theories and Applications*, Pap/Psc Edition.

Sung Hun Kim (2011), *Korean Diaspora and Christian Mission: (Regnum Studies in Mission)*, Wipf & Stock Pub.

Thomas G. Alexander (1995), *Utah: The Right Place. The Official Centennial History*, Gibbs

Smith. Valérie Gelézeau (2014), *Beyond the "Long Partition" –from divisive geographies of Korea to the Korean "meta-culture"*, *European Journal of East Asian Studies*, 9-1, 2010, pp. 1-24.

Valérie Gelézeau, Koen De Ceuster, Alain Delissen (2013), *De-Bordering Korea - Tangible and Intangible Legacies of the Sunshine Policy*, Routledge.

_____ (2011), The inter-Korean border region – ‘meta-border’ of the Cold War and metamorphic frontier of the peninsula, *The Ashgate Research Companion to Border Studies*, Oxon, Ashgate, pp. 325-348.

Youna Kim (2013), *The Korean Wave: Korean Media Go Global*, Routledge, New York.

Valérie Gelézeau (2014), The perspective of cultural geography on the changes in the Korean border region during the Sunshine Policy (1998-2008), *Korean Cultural Studies*, Korea University, Vol. 63, pp.247-278

Song, C. (2014), Engaging the diaspora in an era of transnationalism: South Korea’s engagement with its diaspora can support the country's development, (64), 1-10.

Youna Kim (2013), *The Korean Wave: Korean Media Go Global*, Routledge, New York.

Young-Key Kim-Renaud (1997), *The Korean Alphabet: Its History and Structure*, Honolulu, University of Hawaii’ press.

Sitographie

Choe Sang-Hun, “A North Korean Defector’s Regret”, *The New York Times*, (19/15/2015), lien: http://www.nytimes.com/2015/08/16/world/asia/kim-ryen-hi-north-korean-defector-regret.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur&_r=1

Leonhardt van Efferink, “Michel Foucher: Borders, security and identity”, *Exploring Geopolitics: the academic faces in the geopolitical debate*, (05/11/2015), lien: http://www.exploringgeopolitics.org/interview_foucher_michel_borders_boundaries_frontiers_globalisation_security_identity_europe_central_asia/ ”

Les Monuments de la Corée du Nord“, *Chambre237*, (19/12/2013), lien: <http://www.chambre237.com/les-monuments-de-la-coree-du-nord/>

Peace Monuments in Both Koreas (South & North)”, *Peace Monuments in Both Koreas (South & North)*, lien: http://peace.maripo.com/x_korea.htm

Tiziano Peccia (2014), “The Theory of the Globe Scrambled by Social Networks: A New Sphere of Influence 2.0 “, *Jura Gentium - Rivista di Filosofia del Diritto Internazionale e della Politica Globale*, Sezione "L'Afghanistan Contemporaneo". “2015 World Press Freedom Index”, *Reporters Without Borders*, lien: <https://index.rsf.org/#/> Conférences

Benjamin Joinau (2014), “Virtuous Women and Depraved Females: The Image of Women in North Korean Cinema”, 7th World Congress of Korean Studies conference, Hawaii, USA, 5-7 novembre 2014.

Valérie Gelézeau (2015), «Compte rendu de l'atelier du 6 février 2015 : 'Une « post-division » coréenne ? Regards croisés franco/sud-coréens sur la péninsule divisée'». (Centre Corée de l'EHESS et Université Dongguk).